

Baixa produtividade é o grande obstáculo do cacau na Bahia

Economista e Mestre em Agronegócios, Lucas Rasi Cunha Leite acaba de produzir um estudo inédito que foi apresentado, com exclusividade, à Tribuna da Bahia.

LÍCIO FERREIRA
REPÓRTER

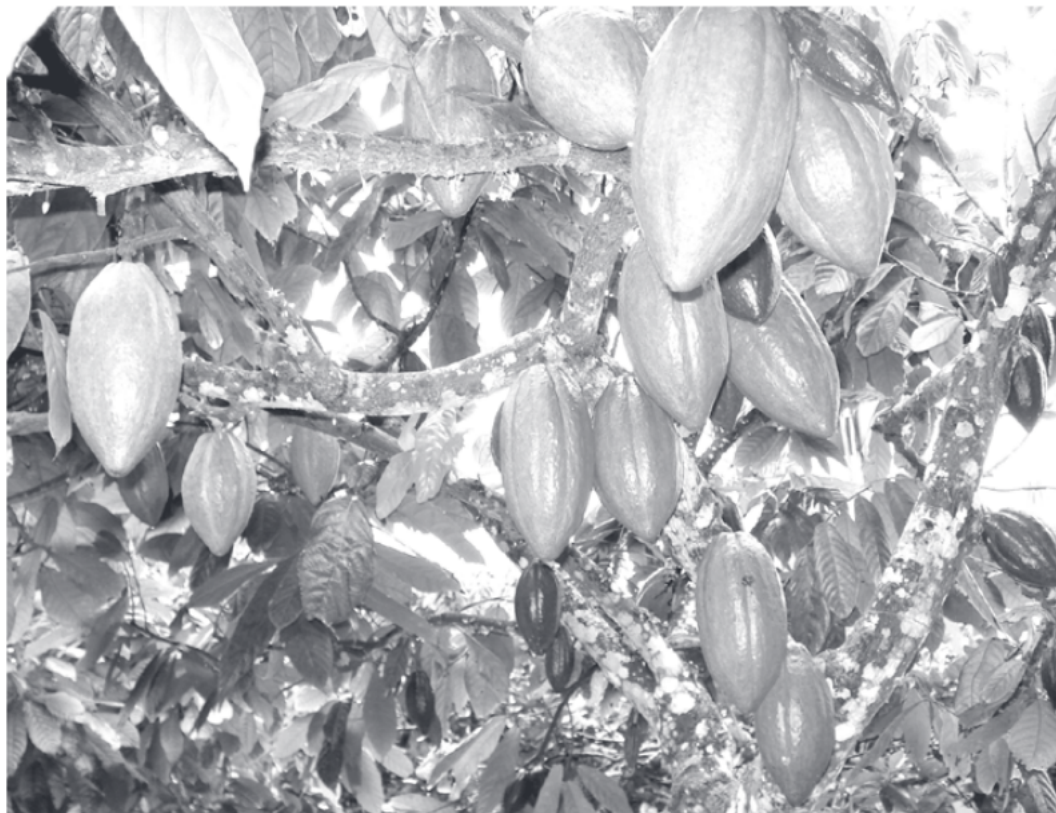
“A baixa produtividade da lavoura cacauera da Bahia é o grande obstáculo para a sustentabilidade da atividade que é a própria identidade do Sul do estado”. A frase é do economista e Mestre em Agronegócios, Lucas Rasi Cunha Leite que acaba de produzir um estudo inédito que foi apresentado, com exclusividade, à Tribuna da Bahia.

Segundo o documento “A resolução do problema crônico da insolvência de milhares de produtores na Bahia, com o compromisso de adoção de melhores técnicas agrícolas em troca, deve ser encarado como prioridade pelo setor, pois o potencial de impacto positivo na cadeia produtiva é grande, especialmente nessa região que é a mais tradicional no cacau do Brasil”.

As mais de 130 páginas, da versão digital do trabalho, envolvendo textos e gráficos foi enviado pelo ex-presidente da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac) Juvenal Maynard, que colaborou ativamente nas pesquisas. O documento é considerado por especialistas como um dos melhores trabalhos dos últimos 30 anos sobre a lavoura cacauera no País.

Lucas Rasi trata, de forma direta, sobre os desafios do Brasil para ocupar maior espaço tanto na produção quanto no comércio global de cacau e chocolate, com base na competitividade da cadeia produtiva.

“Nossos objetivos específicos foram o de levantar o cenário nacional e global da oferta e tendências de consumo; consolidar informações sobre a cadeia de suprimento do cacau fino no Brasil; demonstrar a sustentabilidade – econômica e socioambiental – da



PRODUTO

Devido a sucessivas crises, produção enfrenta dificuldades em avançar

produção agrícola de cacau; e calcular o Produto Interno Bruto (PIB) da cadeia produtiva de cacau e chocolate”, diz o autor.

DIFICULDADES

Na Bahia, atingida por sucessivas crises, a produção enfrenta dificuldades em avançar. O fato de o país estar diminuindo suas exportações de chocolate demonstra que há dificuldades também no setor industrial. Enquanto isto, vários países que não plantam cacau mantêm sistemas industriais que agregam valor ao cacau em grão e seus produtos – líquido, manteiga e cacau em pó – competindo com o Brasil pela participação no mercado de terceiros países. Isso demonstra que a produção agrícola por si só não consegue garantir que a cadeia produtiva do cacau e chocolate seja competitiva.

Recomenda o estudo que, “os cacauicultores devem buscar participação ativa no mercado de nicho que valoriza características

especiais como aroma, processo de produção agrícola, condições comerciais e/ou origem, e que podem oferecer melhores preços. Já as indústrias, especialmente as pequenas e médias, devem implantar métodos modernos de gestão, melhoria do fluxo de compra de matéria prima que permita a elaboração de chocolates de maior qualidade, processos industriais eficientes e estratégias comerciais que permitam alcançar mercados que remunerem melhor”.

CADEIA PRODUTIVA

Segundo o economista paulista, Lucas Rasi, o Brasil é um raro caso de país com a cadeia produtiva completa. “É, ao mesmo tempo, grande produtor de cacau, possui parque industrial de processamento da amêndoa, é grande produtor das outras duas principais matérias-primas da indústria de chocolate, leite em pó e açúcar e, naturalmente, é grande fabricante de chocolate. Além disso, seu grande mercado

consumidor se situa entre os cinco maiores do mundo”.

Em entrevista, por telefone, nesta quinta-feira 24, Lucas Rasi destacou: “Hoje, se fala em cacau fino como a tábua de salvação para vencer os desafios. Mas, o mercado é reduzido e muito pequeno em relação ao mercado como um todo. O de cacau fino gira em torno de 1% das quase 500 mil toneladas produzidas ao ano. A aposta, pelo contrário, deve ser do aumento da produtividade”.

Diz, ainda, que a situação de momento é a seguinte: “Vivemos um histórico de PIB muito baixo. Quando a economia começar a girar, existe alta probabilidade de não ter cacau no mercado brasileiro e ser preciso fazer importação do produto. A indústria processadora da Bahia (localizada em Ilhéus), roda em torno de 225 mil toneladas de cacau por ano. O ideal seria que esta demanda fosse atendida diretamente pelos produtores baianos”, argumenta.

DEFICIENTES FÍSICOS

Projeto ParaPraia volta neste sábado em Boa Viagem

O projeto ParaPraia, iniciativa da Prefeitura, por meio da Secretaria Cidade Sustentável e Inovação (Secis), e demais parceiros, que promove o banho de mar assistido para deficientes físicos e mobilidade reduzida, volta a Salvador neste sábado (26), das 8h às 12h. Desta vez, os banhistas curtirão as águas da Praia da Boa Viagem.

Desde que foi lançado, há cinco anos, ParaPraia já atendeu a 1,5 mil pessoas em Salvador, nas praias de Ondina, São Tomé de Paripe, Farol de Itapuã, Ribeira e Arembepe. Neste ano, o programa já passou pelas praias de Itapuã e Arembepe, esta última localizada no município de Camaçari, na Região Metropolitana de Salvador (RMS).

Com cadeiras anfíbias e acessórios flutuantes, professores e alunos dos cursos de Fisioterapia, Enfermagem e Educação Física da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EB-MSP) dão assistência às pessoas com deficiência, proporcionando a muitos o banho de mar pela primeira vez. Guardas municipais e salva-vidas também dão reforço à ação.

São montados também uma área para atividades recreativas, banheiros especiais, pistas de acesso, lounges em tendas e o refrescante banho no chuveirão. Nesta edição, o ParaPraia tem o patrocínio da Braskem e Salvador Shopping, apoio da Cetrel, Itmov e Citelum e produção da Outros 500 Marketing e Nossa Agência Marketing.

Foto: Peixoto/Secom



ACESSIBILIDADE

Projeto já atendeu 1,5 mil pessoas desde lançamento

Itiúba e Cansanção recebem obras de infraestrutura

Uma intensa agenda de entregas, assinaturas e visitas foi cumprida pelo governador Rui Costa, nesta quinta-feira (24), no centro-norte baiano, nos municípios de Itiúba e Cansanção. As ações superaram R\$ 32 milhões em investimentos e têm como destaque a inauguração de uma ponte e uma nova pavimentação na BA-381.

“As obras melhoram a segurança e a qualidade de vida das pessoas. Além disso, fortalecem a infraestrutura do estado, potencializando o desenvolvimento e a geração de novos empregos para os baianos”, destacou o governador.

Em Itiúba, a primeira parada do governador foi a

inauguração da ponte sobre o rio Itapicuru Mirim, na BA-381. A estrutura, com mais de 90 metros de extensão, recebeu investimento superior a R\$ 5,2 milhões. São quase 92 mil pessoas beneficiadas pela iniciativa.

Em seguida, aconteceu a inauguração do trecho de 78 quilômetros da BA-381, que liga Itiúba ao município vizinho Filadélfia. No local, por onde trafegam cerca de 745 veículos por dia, foram aplicados R\$ 24,2 milhões. Mais de 170 mil moradores de diversos municípios do entorno foram beneficiados pela obra, executada com a técnica da recuperação e pavimentação em TSD (Tratamento Superficial Duplo).

Promoção no Brasil e exterior é essencial para o comércio

Feito com apoio do Ministério da Indústria e Comércio em parceria com a Unesco o estudo do Mestre em Agronegócios Lucas Rasi revela que, entre 2005 e 2017, o Brasil importou em média 50 mil toneladas anuais de cacau. Em relação ao chocolate houve aumento significativo das importações no período, passando de 6 mil toneladas para 20 mil toneladas e, no caminho inverso, ocorreu diminuição na mesma proporção, de 55 mil toneladas de chocolate exportadas em 2005 para 25 mil em 2017.

Destaca também o documento que “em termos de competitividade, o Brasil

é um raro caso de país, onde há cadeia produtiva completa. Trata-se de um grande produtor de cacau com parque industrial de processamento da amêndoa consolidado; é produtor de outras matérias-primas para a indústria de chocolate – leite em pó, açúcar, embalagens –; e é grande fabricante de chocolate”. Como complemento, seu mercado consumidor se situa entre os cinco (5) maiores do mundo.

E acrescenta: “Mesmo com queda em relação a 2015, a existência e a pujança de todos esses agentes econômicos permitiu que o setor de cacau e chocolate do Brasil alcançasse um PIB – do

campo ao varejo - de R\$ 21,6 bilhões em 2017, que deve voltar a crescer assim que a economia se recuperar”.

PROMOÇÃO

A promoção conjunta do cacau e do chocolate do Brasil no exterior é importante para alavancar as possibilidades comerciais do país em aumentar a agregação de valor na exportação. Porém, serão os esforços individuais de cada empresa que tornarão efetivas as vendas de chocolate aos consumidores do mundo todo. Deve-se considerar que a inovação, o desenvolvimento de novos produtos e a busca de participação de mercado é processo

contínuo, não uma meta fixa a ser alcançada e depois esquecida.

No fim, o que realmente importa é estimular o consumo de todas as formas de cacau e chocolate, de preferência com maior valor agregado, possibilitando melhorar a rentabilidade de todos os elos da cadeia produtiva. E também, é claro, acrescentar mais chocolate à pauta de exportação brasileira, assim como agregar mais valor ao cacau exportado em grão e/ou seus produtos básicos. Isso trará benefícios para os agricultores, para as processadoras e indústrias de chocolate e para as regiões produtoras de cacau.

ARTIGO

Vitória. Uma obra que nem a santa ajuda a terminar

JOLIVALDO FREITAS

Obra que uma construtora vem fazendo em meio metro da praça da Igreja da Vitória tem causado muitos transtornos para os moradores e para quem transita na área, tanto pela morosidade como pelo perfil de tratamento que

vem sendo dado. É uma obra que qualquer pedreiro ou empreiteira faria em três ou quatro meses, mas que do jeito que vem ocorrendo já são anos de espera e pelo jeito nem com a ajuda de Nossa Senhora da Vitória vai terminar antes do Carnaval. Na realidade a obra é

um cala-te boca que a construtora e a incorporadora que executaram o gigantesco projeto do edifício Mansão Wildberg vem dando para a Prefeitura Municipal, para a Igreja de Nossa Senhora da Vitória e para os moradores, depois que na calada da noite comprou a antiga mansão da família Wildberg, uma das mais bonitas e antigas da Bahia e depois de muita ginástica e mágica frente à Justiça baiana conseguiu liminar, e com a liminar na mão mandou que os tratores, marretas e caçambas derrubassem a casa e comessem a obra. Tudo isso aconteceu apenas uma madrugada insone e pasma para os moradores. O Ministério Público levou o chama-

do dribla da vaca. O lphan, este... só rindo. E a prefeitura – que não lembro quem foi o prefeito da época – fez ouvido de mercador. Olhou que nem cego e Salvador ficou mais uma vez a ver navios. Perdeu um marco arquitetônico.

Diz-se que se tratam dos apartamentos – que já estão começando a ser habitados – mais caros da Bahia e um dos mais caros do Brasil, com unidade custando até 20 milhões de reais (o que não busquei confirmar, portanto podendo ser folclore ou não), mas que foram adquiridos também por pessoas metidas no Mensalão do PT e no Lava Jato. Claro, que além de empresários, empreiteiros e outros milio-

nários que a plebe rude de Salvador não sabe nem nunca viu, mas que existem.

Voltando à obra do Largo da Vitória, desde a construção da igreja da Vitória que não se vê um trabalho tão demorado. A Vitória é a segunda igreja mais antiga do país uns trinta anos e pouco depois do descobrimento do Brasil e bem antes da fundação de Salvador. Quem está lá se virando na tumba com tanta demora da construtora em, entregar o largo cala boca da Vitória são os filhos de Caramuru. Nem mesmo depois que os holandeses invadiram Salvador e destruíram muita coisa – construíram também em menos tempo que a obra da Vitória, a exemplo do Dique do Tororó – uma

obra durou tanto. A reconstrução da igreja em 1625 foi rápida. O mesmo acontece quando da sua reformação em 1808 com recursos que Dom João VI deu de mão beijada literalmente.

Em 1910 tanto a igreja como o largo sofreram nova reforma e foi tudo rápido. Agora tem essa obra que ninguém sabe quanto tempo ainda vai levar. Nem mesmo com Nossa Senhora da Vitória dando um adjutório na causa. E se alguém pensa que com a obra vai ser esquecido o “assalto” dos infieis ao largo e à Mansão Wildberg, pode esperar sentido. Nem é bom colocar placa de reinauguração nem o prefeito ou o arcebispo irem para a festa.